



A direita verdadeira ao ataque

A ação política tem seus critérios e princípios, e não cede a vitória facilmente

É interessante acompanhar o novo passatempo da classe política recém empossada, que poderíamos simplesmente chamar de direita ou nova direita.

Bem, direita porque tem como valor fundamental ser contra a esquerda, e pode ser chamada de nova por sua constituição recente — e até falta de traquejo com as instituições.

Seu passatempo atualmente tem sido trocar alfinetadas públicas para ver quem é a direita verdadeira.

A coisa fica cômica quando percebemos que essa disputa não é abstrata, não estão brigando intelectualmente para definir quais são os valores da nova direita, a agenda da nova direita ou o projeto caso cheguem ao poder.

O arranca rabo entre os tais direitistas é sobre quem são os agentes da direita verdadeira, quem são os sujeitos que merecem ou não merecem o voto da patota que se denomina como direita. Depois de usar a palavra “direita” em torno de umas vinte vezes para tentar ilustrar a confusão, me permita explicar alguns princípios de teoria política — para ver se conseguimos fugir desses termos repetitivos.

A política essencialmente depende de grupos de pessoas associados por motivações existenciais, geralmente relacionadas a pólis — as instituições

estabelecidas, os partidos que frequentam o areópago e tutti quanti.

Ou seja, as pessoas se juntam a um determinado grupo porque se identificam em termos de valores, cosmovisão ou no mínimo a forma como se deve agir em determinadas questões na sociedade política.

Seja na política moderna ou na clássica, na Prússia antes da unificação alemã, no areópago que Sócrates frequentou ou mesmo na câmara de vereadores de Xique-xique — a política demandará a exposição de um conjunto de princípios, métodos de ação e motivações existenciais para a adoção desses princípios e métodos, algo que poderíamos chamar de agenda política. Pois bem, definir o como, onde, porque e quem é essencial para a política — e quanto mais próximo dessa ordem, melhor.

A definição de “como fazer” demonstra claro domínio dos meios institucionais e sociais, “onde” explicaria o lugar no tempo e no espaço para o início da agenda — o “porque” seria uma explicação existencial para essa ação e “quem” é o grupo que quer os meios políticos para executar essa agenda.

Nosso arranca rabo aqui é pelo quem, sem como, onde e porque — ou você já adquiriu um dos extensos volumes de teoria política dos nossos queridíssimos deputados de “direita”?

As picuinhas e interesses pessoais estão acima de qualquer desejo de organização da ação política, as brigas públicas dos deputados recém chegados — e precisamos dizer que só chegaram onde chegaram graças ao bolsonarismo —, é exclusivamente para emplacar seus queridinhos e amiguinhos como a “direita verdadeira” e receber os votos da população que apoia Bolsonaro.

Discutir quem pertence ou não à tal direita, sem discutir seus princípios, métodos e agenda política é desejo puro e simples de ascensão carreirista — é vontade porca de pular etapas para engordar com cargos o próprio projeto político.

Todo e qualquer arranca rabo atual é pura e simplesmente por cargos eleitorais e objetivos práticos e imediatos que podem levar A ou B para cargo C e D, nada além disso.

Não existem discussões maduras, agendas e propostas — querem decidir quem é a tal direita verdadeira no grito, no like e no lacre.